

IMS

cinema
abr.2023

DEMARCAÇÃO JÁ!





Paraí, de Vinicius Toro
(Brasil | 2018, 81')

destaques de abril 2023

Em abril, o Cinema do IMS se debruça sobre as últimas décadas de produção cinematográfica de autoria e coautoria indígena na mostra *Demarcação das telas e revolução das imagens*. Com curadoria de Graci Guarani, Takumã Kuikuro e Christian Fischgold, será apresentada uma seleção de 30 filmes, reunidos nos eixos Imagens-espírito, Animações, Resistência política, Meio ambiente, Linguagens artísticas e Clássicos.

A Sessão Cinética exhibe, pela primeira vez em São Paulo, o longa-metragem *Parque Tonsler*, de Kevin Jerome Everson, artista com uma prolífica carreira de documentação da classe trabalhadora afro-americana. Rodado em 16 mm, o filme acompanha o trabalho em um posto eleitoral no dia das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos.

Também a partir do trabalho minucioso e artesanal em 16 mm, o coletivo Distruktur, formado pelos artistas Melissa Dullius e Gustavo Jahn, apresenta uma seleção de curtas-metragens produzidos nos últimos 11 anos em cópias 16 mm junto a uma cópia DCP de *Oráculo*, seu mais recente longa-metragem.

[imagem da capa]

ATL – Acampamento Terra Livre, de Edgar Kanaykō Xakriabá (Brasil | 2017, 7', DCP)



Tamuia, de Denilson Baniwa (Brasil | 2021, 11', DCP)



Rio Doce, de Fellipe Fernandes (Brasil | 2021, 90', DCP)



Oráculo, de Melissa Dullius e Gustavo Jahn (Brasil, Alemanha, França, Espanha | 2020, 61', DCP)

terça

4

16:00 Medusa (127')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

11

16:00 Medusa (127')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

18

Não haverá sessões

25

15:20 Paraí (81')
17:00 Rio Doce (90')

Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil

19:30 **Cinema indígena e meio ambiente:**
Kaapora - O chamado das matas + Yarang Mamin + Sonho de fogo + Amne adji papere mba – Carta Kisêdjê para o Rio+20 (59'), sessão seguida de debate com os curadores Graci Guarani, Takumã Kuikuro e Christian Fischgold

quarta

5

16:00 Medusa (127')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

12

16:00 Medusa (127')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

19

Não haverá sessões

26

15:15 Rio Doce (90')
17:00 Paraí (81')
18:45 **Cinema indígena e resistência política 1:**
Os espíritos só entendem nosso idioma + Ava Yvy Vera - A terra do povo do raio (57')
20:00 **Cinema indígena e resistência política 2:**
Zahy - Fábula do Maracanã + Zawxiperkwer Ka'a - Guardiões da Floresta + ATL - Acampamento Terra Livre (62')

quinta

6

16:00 Noites alienígenas (91')
18:30 **Sessão Distruktur: curtas** - exibição em 16 mm (55')
20:00 **Sessão Distruktur: Oráculo** (61')
Exibições apresentadas por Melissa Dullius e Gustavo Jahn

13

16:00 Mato seco em chamas (153')
19:30 Sessão Cinética:
Parque Tonsler (80'), seguido de debate com os críticos da revista *Cinética*

20

É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários

27

15:00 Memória sufocada (75')
16:30 Paraí (81')
18:15 **Clássicos 1:**
Marangmotxíngmo Mirang: das crianças Ikpeng para o mundo + Shomõtsi (77')
20:00 **Clássicos 2:**
Wapté Mnhõnõ – A iniciação do jovem Xavante (56')

sexta

7

14:00 Memória sufocada (75')
15:30 Mato seco em chamas (153')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')
21:50 Medusa (127')

14

Não haverá sessões

21

É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários

28

15:30 Paraí (81')
17:15 Rio Doce (90')
19:00 **Imagens-espírito 1:**
Ooni + O que me leva não é mercadoria de bolso + Teko Haxy - Ser imperfeita (52')
20:15 **Imagens-espírito 2:**
Yâmíyhex: as mulheres-espírito (76')

sábado

1

14:00 Memória sufocada (75')
15:30 Mato seco em chamas (153')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')
21:50 Medusa (127')

8

14:00 Memória sufocada (75')
15:30 Mato seco em chamas (153')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')
21:50 Medusa (127')

15

Não haverá sessões

22

É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários

29

14:00 Rio Doce (90')
16:00 **Clássicos 3:**
Bicicletas de Nhanderú + Ma Ê Dami Xina: já me transformei em imagem (79')
18:00 **Cinema indígena e linguagens artísticas:**
Jayankiri + O verbo se fez carne + Tamuia + Lithipokoroda + Yây tu nūnhã payexop: encontro de pajés + Karaiw a'e wà (97')
20:00 Paraí (81')
22:00 Noites alienígenas (91')

domingo

2

14:00 Medusa (127')
16:30 Noites alienígenas (91')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

9

14:00 Medusa (127')
16:30 Noites alienígenas (91')
18:30 Memória sufocada (75')
20:00 Noites alienígenas (91')

16

14:00 Memória sufocada (75')
15:30 Noites alienígenas (91')
17:30 **Parque Tonsler (80')**
19:20 Mato seco em chamas (153')

23

É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários

30

14:00 Paraí (81')
16:00 **Cinema indígena e animações:**
Kanaú'kyba + A festa dos encantados + Konãgxeke: o dilúvio Maxakali + Mătânãg, a encantada + Ga ví: a voz do barro + Amazônia sem garimpo (70')
18:00 Mato seco em chamas (153')

Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas em ims.com.br.

Yāy tu nūnāhā payexop: encontro de pajés,
de Sueli Maxakali



Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil

Componente incontornável da cultura contemporânea, o cinema tornou-se uma das principais ferramentas discursivas, políticas e de representação da cultura dos povos indígenas nas últimas décadas. No Brasil, projetos como o Vídeo Kayapó, o Vídeo nas Aldeias e o Instituto Catitu (entre outros) são referência e oferecem oficinas de operação de câmera, edição e som para comunidades indígenas. Os primeiros filmes com participação coletiva entre indígenas e não indígenas - foram realizados em meados da década de 1980 e fomentaram um processo de provocação e integração que culminou com a criação das Oficinas de Formação em 1997. Criadas para “promover o encontro dos povos indígenas com a sua própria imagem”,¹ essas oficinas revolucionaram a natureza das imagens e da (auto)representação das culturas indígenas. Com a dinâmica da própria imagem em si, processos cada vez mais intensos, criativos e subjetivos foram desenvolvidos

por uma geração de cineastas indígenas espalhados por todo o território nacional.

Atualmente, cerca de 90% das comunidades indígenas brasileiras possuem seu próprio cineasta.² Esses artistas transformaram suas comunidades em poderosos centros de produção de imagens, e ocuparam uma posição importante no intercâmbio da produção simbólica, fortalecendo significativamente uma cadeia produtiva com diversas possibilidades de formação e atuação.

Rompendo os limites do cinema etnográfico e dos estudos acadêmicos sobre o uso da câmera e da imagem na pesquisa antropológica, as produções indígenas subverteram noções visuais comumente aceitas acerca do que é ser indígena, e criaram um efeito de paralaxe, introduzindo novos temas, histórias e personagens no cinema brasileiro contemporâneo.

Dividida em seis eixos temáticos, a mostra *Demarcação das telas e revolução das*

imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil é a mais ampla retrospectiva já realizada no Instituto Moreira Salles, apresentando diferentes recortes da produção de cineastas indígenas.

Inicialmente concentrada nas mãos de cineastas homens, a produção audiovisual realizada por cineastas mulheres vem se consolidando nos últimos anos graças a um movimento que trabalha principalmente na desconstrução de imaginários equivocados perpetuados pela sociedade e pelos meios de comunicação usuais. Filmes como *Ooni* (2021), *O que me leva não é mercadoria de bolso* (2022), *Teko Haxy - Ser imperfeita* (2018) e *Yãmïyhex: as mulheres-espírito* (2019) vêm ocupando cada vez mais espaços, representando um cinema autoral, rico e diverso.

A última década consolidou também uma forte expressão audiovisual de cineastas que “combatem com a câmera na mão”, nas palavras de Ailton Krenak. Filmes como *Zahy - Fábula do Maracanã* (2012), *Ava Yvy Vera - A terra do povo do raio* (2017), *Os espíritos só entendem nosso idioma* (2019), *Zawxiperkwer Ka'a - Guardiões da Floresta*

1. Vincent Carelli, *Vídeo nas Aldeias* (1989).

2. Ver “IMS Convida: debates com Graci Guarani, Michele Kaiowá, Kamikia Kisêdjê, Vincent Carelli e Takumã Kuikuro” (03.08.2021).

(2019) e *ATL - Acampamento Terra Livre* (2017) reforçam a importância do audiovisual como ferramenta essencial para a luta política, a proteção do território e a reivindicação de direitos fundamentais.

A relação das comunidades indígenas com o meio ambiente é uma temática intrínseca desde suas primeiras produções audiovisuais. *Kaapora - O chamado das matas* (2020), *Yarang Mamin* (2019), *Sonho de fogo* (2020), *Amne adji papere mba - Carta Kisêdjê para o Rio+20* (2012) configuram poderosos manifestos políticos, poéticos, culturais e cosmológicos que alertam para a cegueira do mundo ocidental acerca dos riscos e das ameaças de destruição da natureza e do mundo.

Por outro lado, a forma técnica da linguagem dos filmes de animação configura uma produção recente, embora a sabedoria e o conhecimento utilizados nessas narrativas estejam sempre presentes nas formas de contação de histórias dessas culturas. As apropriações dessas linguagens técnicas resultaram em obras impactantes. *Mâtãnãg, a encantada* (2019), *A festa dos encantados* (2016), *Konãgxeka: o dilúvio Maxakali* (2016), *Ga vi: a voz do barro* (2021) e *Amazônia sem garimpo* (2022) são exemplos do acionamento dessas culturas visuais indígenas pelo

campo da animação, ampliando sua vivacidade e atualidade, e dialogando com um público ainda mais abrangente.

Um dos apontamentos mais importantes dessa mostra é o reconhecimento de alguns títulos como "clássicos" do cinema indígena brasileiro. Realizados nas décadas de 1990 e 2000, filmes como *Wapté Mnhõñõ - A iniciação do jovem Xavante* (1999), *Marangmotxíngmo Mirang: das crianças Ikpeng para o mundo* (2001), *Shomõtsi* (2001), *Ma É Dami Xina: já me transformei em imagem* (2008) e *Bicicletas de Nhanderú* (2011) romperam barreiras em um momento em que os experimentos indígenas com a produção de imagens ainda causavam desconfiança e inquietação entre antropólogos, cineastas e artistas.

Na outra ponta, um recorte de produções audiovisuais contemporâneas apresenta obras com experimentações radicais na linguagem. Filmes como *Tamuia* (2021), *O verbo se fez carne* (2019), *Kanau'kyba* (2021), *Jayankiri* (2021), *Lithipokoroda* (2020) e *Karaiw a'e wã* (2022) são uma espécie de "contracinema" que utiliza as ferramentas do audiovisual para (re)organizar discursos e elementos simbólicos em outros conjuntos de significados, gerando novos alcances e efeitos.

A quantidade e a qualidade de filmes realizados por cineastas indígenas no Brasil possibilitam diferentes leituras curatoriais. Optamos por priorizar a diversidade temática, territorial, de deslocamentos e pertencimentos das obras selecionadas. Se a literatura e as artes visuais indígenas consolidaram nomes singulares de qualidade indiscutível, foi o trabalho com o audiovisual que melhor se integrou à paisagem social das comunidades indígenas no Brasil, uma vez que se trata das formas de ouvir e enxergar (áudio/visual) o que está no princípio de suas culturas.

O domínio da linguagem cinematográfica configura um significativo avanço político, discursivo e semiótico para as comunidades indígenas no Brasil. As produções audiovisuais realizadas por cineastas indígenas e seus colaboradores são, atualmente, um dos mais importantes movimentos cinematográficos da América Latina, constituindo parte essencial de um conjunto de estéticas *contracoloniais/ decoloniais*, responsáveis por deslocar as chamadas estéticas "imperiais".

Os curadores
(Graci Guarani, Takumã Kuikuro e
Christian Fischgold)



*Os nomes de diretores e parceiros de criação não indígenas foram mantidos entre parênteses.

Retratos da democracia

Tonsler Park (2017), Kevin Jerome Everson

Por **Hermano Callou**

Neste mês de abril, a Sessão Cinética é dedicada a Kevin Jerome Everson, um dos artistas mais ambiciosos e profícuos do cinema americano contemporâneo, autor de uma obra de mais de uma centena de filmes, realizados em sua maioria nas duas últimas décadas. O cinema de Everson se tornou conhecido nos últimos anos pela maneira como tem construído filme após filme um grande arquivo da experiência da classe trabalhadora negra americana, movido por um desejo de documentação e observação verdadeiramente infatigável, preocupado em inventariar os gestos que constituem uma determinada comunidade. A postura de observação do seu cinema convive com naturalidade com uma consciência conceitual penetrante a respeito de formas, materiais e procedimentos utilizados, o que permite ambientar seus filmes tanto na tradição do cinema documentário quanto do cinema experimental, nas quais trafega com tranquilidade.

Tonsler Park é um retrato realizado em 16 mm dos trabalhadores de um posto de votação eleitoral da cidade Charlottesville,

na Virgínia, durante as eleições presidenciais americanas de 2016, em que Donald Trump seria eleito. O filme documenta o dia de trabalho de cidadãos negros americanos durante a eleição de um presidente que ameaçaria a estabilidade democrática do país, justamente na cidade que se tornaria, no ano seguinte, o palco da marcha supremacista branca *Unite the Right*. O filme se mostra interessado, contudo, no intervalo entre o que sabemos e o que, de fato, podemos ver em suas imagens: os retratos de Everson mostram os membros do posto exercendo suas atividades cívicas com uma dedicação e uma simpatia genuínas, conduzindo um rito pelo qual uma certa comunidade reconhece a si mesma e encena para si a tomada de comando sobre seu próprio destino. O conflito deflagrado pela eleição é mantido no fora de campo, afirmando que nossa atenção deve se concentrar em outro lugar.

O posto de votação oferece um quadro institucional determinado para o filme, no qual todos os personagens ocupam por princípio funções definidas. O filme

documenta um jogo em que os personagens se reconhecem mutuamente a partir dos papéis que foram convocados a assumir segundo um ordenamento jurídico. Os planos de início e término de *Tonsler Park* nos mostram, não por acaso, o rito de juramento feito pelos personagens, que se comprometem com as funções que pretendem exercer. A câmera de Everson se mostra interessada em observar em seus modelos, contudo, justamente os traços contingentes que os singularizam como pessoas, traços que excedem infinitamente o estatuto jurídico que elas ocupam. O procedimento preferido de Everson é o plano longo, cuja duração permite a decantação de seus personagens a partir do acúmulo dos detalhes que, lentamente, os revelam. Qual o lugar do brinquinho na orelha do personagem e de seu sorriso tímido para a cerimônia cívica em que ele se encontra? O filme confronta o regimento de uma instituição e os indivíduos singulares que, contingentemente, a encenam.

Tonsler Park nos mostra o drama do retrato cinematográfico, centrado na

tensão entre o modo como os personagens apresentam a si mesmos e o que eles deixam aparecer de si sem o saber. O filme registra repetidamente seus personagens cumprimentando e orientando os eleitores que chegam ao local, compondo um inventário dos gestos de simpatia e gentileza através dos quais eles performam uns para os outros sua própria autoapresentação. A duração dos planos, no entanto, permite o vislumbre dos momentos em que eles parecem esquecer de si, absortos que estão no próprio trabalho, deixando que algo deles próprios se revele em gestos elusivos, sem endereçamento. O grande tema de *Tonsler Park* é a presença dos seus personagens diante do olhar paciente da câmera: o que eles desejam mostrar, o que eles não deixam de revelar e o que se mantém, evasivamente, em segredo.

O filme de Everson partilha em relação às suas próprias imagens a mesma consciência da facticidade que demonstra a respeito de seus personagens. O cineasta não disfarça que seus planos são antes de tudo resultados provisórios, rastros

de procedimentos que traziam em si uma grande reserva de indeterminação. As marcas do processo de filmagem são conservadas pelo filme, como cifras de sua natureza contingente: a câmera titubeia à procura de enquadramento, o foco vacila diante do objeto a ser filmado, falsos inícios se sucedem uns aos outros, encerrando um plano que parece ter dado errado quando mal havia começado. O filme preserva em certos momentos os fins dos rolos de 16mm, cuja materialidade se revela ao espectador pelas flutuações de luz. Os retratos são também permeáveis pelos dados contingentes do local, em especial pela entrada e saída de campo dos eleitores, que, com as costas viradas para a câmera, bloqueiam nossa visão em profundidade. As entradas e saídas ao acaso das massas corpóreas dos votantes oferece a boa parte dos planos do filme a sua sintaxe interna.

Tonsler Park se revela um estudo de uma das instituições fundamentais da democracia, cujo olhar se desloca deliberadamente das formalidades institucionais para as pessoas que a ocupam, retidas em

sua singularidade, segundo um registro fílmico cuja acidentalidade é declarada. A democracia guarda a promessa de que qualquer um pode tomar a palavra e expressar a voz de uma comunidade, uma promessa que o filme honra em sua atenção indiscriminada ao que cada pessoa e cada imagem porta de único e contingente. O gesto de Everson autoriza que o que é da ordem do singular ocupe o centro de nosso interesse, e que sustente em seus ombros o peso simbólico de um filme sobre a democracia realizado no momento de sua crise.

Em cartaz



Mato seco em chamas

Joana Pimenta e Adirley Queirós | Brasil, Portugal | 2022, 153', DCP (Vitrine Filmes)

Léa conta a história das Gasolineiras de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colmeia, a prisão feminina de Brasília, Distrito Federal, Brasil.

A dupla Joana Pimenta e Adirley Queirós já havia trabalhado junta em *Era uma vez Brasília* (2017), ela como fotógrafa e ele como diretor. Neste novo filme, constroem, junto a talentoso elenco e reduzida equipe, um conto em torno de um grupo de mulheres que encontra petróleo e começa a produzir a própria gasolina num terreno em Sol Nascente, em Ceilândia. A partir de então, elas marcam seus nomes nos jogos de poder e na história da região.

Sobre a seleção do elenco, Joana Pimenta comenta em entrevista à crítica e pesquisadora Lorenna Rocha: "Quando escolhemos as pessoas com quem vamos trabalhar, nós escolhemos porque temos uma grande curiosidade, um grande interesse em saber mais sobre elas. Talvez mais do que elas estarem ou não próxi-

mas do papel ou arquétipo que construímos, sabe? Porque filmamos sem roteiro, né? Então, escolhemos pessoas com quem nós queremos viver durante 18 meses. Com quem achamos que vamos estar muito interessados naquilo que elas têm para dizer. Então, essa curiosidade, a performance dessa curiosidade, do encontro da câmera e do corpo da atriz, torna-se essencial. Muitas vezes nós não sabemos o que elas vão falar, nem para onde vão se mexer. Nosso trabalho de direção e de direção de fotografia é quase fazer performance ao vivo. [...] Por isso acho também que quando a gente faz o trabalho de seleção das atrizes, pode até demorar muito, mas é imediato. Procuramos a personagem de Chitara durante seis meses. Mas, quando conversamos com a Chitara, foi tudo muito imediato. A sensação era que nós queríamos saber tudo sobre ela."

"Não queríamos fazer um filme com a premissa do empoderamento", declara Adirley em outro momento da mesma entrevista. "Nos primeiros roteiros, a personagem Chitara chamava-se Pantera. Essa coisa 'clássica' de querer empoderar. Mas, depois... Chitara vem de onde? Dos Thundercats, pô! A Chitara [interpretada por Joana D'Arc Furtado], quando era pequena, na roda de capoeira, era chamada de Chitara. Essa coincidência, muito espiritual, apareceu. Chitara e Léa propõem esse jogo da roda também, sabe? Porque, apesar de serem irmãs, elas se reencontraram no filme. *Mato seco em chamas* produz um elemento que é criar um mundo em que elas possam existir, que as lendas delas, que não são de derrota, possam existir."

"O povo periférico quando tem 40, 50 anos, tem muito isso de esconder suas histórias, porque

elas são sempre associadas a maloqueiros, puta, a tudo que é visto como pejorativo, não o contrário. O filme propõe que essas histórias que vão ser contadas por elas não sejam histórias de derrotadas. São lendas. Vocês [Léa, Andréia e Chitara] são lendas do cinema brasileiro, do cinema mundial. [...] O empoderamento aqui é no sentido de dizer: 'Essa história é minha, sou dona dessa história, eu sei a lenda que existia nos anos 1980. Eu sei como vivi a cadeia. E a cadeia, apesar de ser pesada, a gente só sobrevive nela contando e recontando nossas aventuras, entendeu?'"

[Íntegra da entrevista em: bit.ly/jamatoseco]

Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).



Medusa

Anita Rocha da Silveira | Brasil | 2021, 127', DCP
(Vitrine Filmes)

Uma reinterpretação livre do Brasil nos anos do governo Bolsonaro, filmada como uma distopia em que o fator social evangélico define normas estéticas, morais e de comportamento. O filme de Anita Rocha da Silveira encontra-se em algum lugar entre o Rio de Janeiro realista e o do cinema autoral de gênero híbrido, *sci-fi*, gótico. Mulheres jovens agrirem-se sob a sombra de uma mítica liderança, homens obedecem à filosofia de milícias armadas e religiosas. Uma enorme liberação de energia.

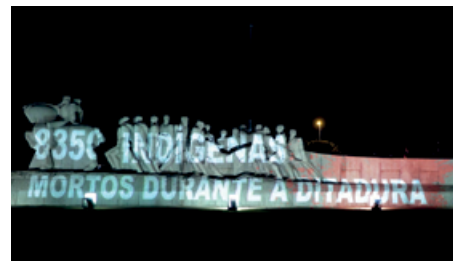
“Meu ponto de partida para *Medusa* foi uma série de reportagens que eu li sobre garotas que se juntavam para bater em outras garotas”, conta a diretora Anita Rocha da Silveira em entrevista ao Papo de Cinema. “[A vítima] era considerada promíscua, por conta das fotos que postava nas redes sociais, que seriam fotos sensuais demais, e, nesse discurso, era importante deixar a vítima

feia, cortar sua cara ou seu cabelo. [...] Eu vi como essa violência contra mulheres passava pelo avanço conservador.”

Medusa teve sua estreia mundial na Quinzena dos Realizadores, em Cannes, em 2021. No Festival do Rio, recebeu os prêmios de Melhor Direção, Melhor Longa-Metragem e Melhor Atriz Coadjuvante.

[Assista à entrevista completa: bit.ly/medusaan]

Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).



Memória sufocada

Gabriel Di Giacomo | Brasil | 2021, 75', DCP
(Embaúba Filmes)

Coronel Ustra (1932-2015) foi o único militar condenado como torturador durante a ditadura. Hoje, ele é exaltado como herói por setores ligados à extrema direita, inclusive pelo ex-presidente Bolsonaro. A partir de um dispositivo que simula as buscas na internet e mecanismos do ambiente virtual, o documentário de Gabriel Di Giacomo acessa materiais que vão dos depoimentos à Comissão Nacional da Verdade a páginas do Google Maps para investigar a história desse personagem e a história do Brasil pós-golpe civil militar de 1964.

Realizado durante a pandemia, o filme conta apenas com materiais disponíveis na internet: “É interessante, pois todo o material está disponível, mas eu nunca tinha assistido a boa parte dos vídeos, que tem poucas visualizações”, comenta o diretor. “Hoje, a informação e a desinformação estão ao alcance de todos. Muitos fatos são

construídos nas redes sociais, e a realidade é cada vez menos nítida. Esse é o ponto central do filme, qual é a 'verdade' histórica e como os fatos podem ganhar novas narrativas com o passar dos anos. Na década de 1960, setores da elite brasileira, com o apoio da mídia, plantaram diversas *fake news* sobre a situação do país para conseguir levar os militares ao poder, era urgente evitar 'o avanço comunista no Brasil', 'proteger a pátria e a família' e 'acabar com a bagunça.'

"Por acompanhar a recente crise democrática em tempo real, senti a necessidade de fazer este filme como um exercício de reflexão sobre a nossa memória coletiva. As relações da sociedade com seu passado são dinâmicas, fluidas e contraditórias, e *Memória sufocada* traz uma análise do processo de construção da memória da ditadura brasileira que segue uma disputa."

[Depoimentos do diretor extraídos do material de imprensa do filme.]

Ingressos: terça, quarta e quinta: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).



Noites alienígenas

Sergio de Carvalho | Brasil | 2023, 91', DCP (Vitrine Filmes)

Na periferia de Rio Branco, Acre, as vidas de três jovens amigos de infância se entrelaçam e, por fim, encontram-se em uma tragédia comum, em uma sociedade em transformação e impactada de forma violenta pela chegada do crime organizado do Sudeste do Brasil.

Adaptado a partir de um livro homônimo do diretor Sergio de Carvalho, *Noites alienígenas* se passa em uma Amazônia urbana em constante choque com a floresta e seus povos tradicionais. Não à toa, a primeira imagem do filme é a de uma jiboia que aparece como uma visão ou miração de um dos protagonistas:

"A imagem da jiboia já estava no livro também e representa o espírito ancestral, mas como o personagem vivia na cidade e pelo envolvimento com a mãe (Marta) que se tornou religiosa, Paulo lê esse símbolo como o diabo", comenta o diretor em entrevista ao portal Mídia Ninja. "Então, ele se

assusta também com a miração e esse chamado da ancestralidade. Uma das camadas é essa dificuldade de leitura dos símbolos. Eu queria muito falar sobre a questão da perda da identidade da floresta e das consequências de se distanciar da sua identidade."

"A chegada das facções é uma tragédia que está se aproximando das populações ribeirinhas, fazendo rota de tráfico pelos territórios indígenas, cooptando a comunidade dos povos da floresta. Já a cidade de Rio Branco apresenta esse paradoxo, de ser a meca da psicodelia e da experiência com a *ayahuasca*, trazendo gente do mundo inteiro em busca da espiritualidade e dessa medicina, e, ao mesmo tempo, tomada pela violência brutal contra a geração mais jovem que se espalha pelo estado."

O filme teve sua estreia mundial em 2022, no Festival de Cinema de Gotemburgo, na Suécia, e estreia brasileira no mesmo ano no 50º Festival de Cinema de Gramado, no qual recebeu os prêmios de Melhor Filme, Melhor Ator, Melhor Atriz Coadjuvante, Melhor Ator Coadjuvante, Prêmio da Crítica e menção honrosa pela construção do personagem do ator Adanilo Reis.

[Citações extraídas de: bit.ly/noitesall]

Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).



Paraí

Vinicius Toro | Brasil | 2018, 81', DCP (Descoloniza Filmes)

Paraí é uma menina Guarani que encontra por acaso um milho guarani tradicional que nunca havia visto. Encantada com a beleza de suas sementes coloridas, busca cultivá-lo. A partir de então, ela começa a questionar seu lugar no mundo: quem ela é, por que fala português e não guarani, por que é diferente dos colegas da escola, por que seu pai vai à igreja cristã, por que moram numa aldeia tão perto da cidade, por que seu povo luta por terra?

Ingressos: terça, quarta e quinta: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).

Rio Doce

Felipe Fernandes | Brasil | 2021, 90', DCP (Vitrine Filmes)

Tiago é um jovem negro que mora em Rio Doce, na periferia de Olinda, região metropolitana do Recife. Ele trabalha numa casa de jogos eletrônicos, sofre de dor nas costas e lida com dívidas que não consegue pagar. Às vésperas de completar 28 anos, ele descobre que é filho de um homem branco de classe média alta já falecido e que tem três irmãs.

Rio Doce é o primeiro longa-metragem de Felipe Fernandes e tem como protagonista o ator, *rapper*, *bboy* e líder comunitário Okado do Canal. "O filme é sobre a jornada de amadurecimento interior de um personagem que não se comunica", comenta o diretor Felipe Fernandes em entrevista à revista *Continente*. "Para mim, uma das maneiras de falar da incomunicabilidade de alguém é com o corpo. Como trabalhar o corpo de alguém que sente o peso do mundo, que descobre que sua mãe nunca lhe contou sobre seu pai."

"Tinha uma coisa que não queria desde o princípio, e que era muito clara para mim e para a equipe, que era a seguinte: quando se olhava para o roteiro, e se pensava nele, muitas pessoas esperavam de cara que tudo fosse filmado com a câmera na mão, sabe? Como um 'cinema verdade'. [...] Eu queria às vezes prolongar o tempo da cena, prolongar aquela sensação, e às vezes queria uma coisa um pouco mais estável. Mais clássica, até."

Em entrevista ao festival Olhar de Cinema, conta ainda: "Eu cresci em Rio Doce, morei minha infância e adolescência entre Rio Doce e Jardim Atlântico, que é o bairro vizinho, onde se passa o

Delírio, meu primeiro curta, que é essa região da periferia de Olinda. Muito da minha vontade de fazer cinema vinha porque eu sempre gostei muito de ver filme, de ver novela, de consumir audiovisual. E eu tenho uma família muito grande.

A família da minha mãe especificamente. Ela é muito grande, mas quase todos os meus tios moram em Rio Doce, Maranguape, nessa região. E é uma família muito cheia de histórias de vida. Então, na minha cabeça, sempre se fazia um choque das histórias que eu conhecia e que eu via, das pessoas reais ao meu redor e dos espaços que eu conhecia, com as histórias que eu via de filme e televisão. E meu processo de fazer cinema sempre esteve meio que na tentativa de unir essas duas coisas. Utilizar aquela linguagem pra falar dessas coisas que eu vejo e que eu conheço."

Em 2021, *Rio Doce* foi o grande vencedor do festival Olhar de Cinema, em Curitiba, no qual recebeu o prêmio Olhar e o troféu de Melhor Longa Nacional na competição e nas mostras Outros Olhares e Novos Olhares. No mesmo ano, no Festival do Rio, recebeu o prêmio principal da *Première Brasil: Novos Rumos*.

[Depoimentos de Felipe Fernandes extraídos de: bit.ly/riodoceff e bit.ly/riodoceff2]

Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).

Sessão Distruktur

Melissa Dullius e Gustavo Jahn começaram a fazer filmes no ano 2000, primeiro em super-8 e depois em 16 mm. Depois de se mudarem para Berlim, em 2006, formaram a dupla Distruktur. Seus filmes movem-se pelas fronteiras entre arte e cinema, experimental e narrativo, fotografia e imagem em movimento. Juntos, apresentarão ao público do IMS Paulista, em cópia DCP, *Oráculo*, seu mais recente longa-metragem, e um apanhado de sua produção em curtas-metragens em cópias 16 mm.

Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

Programa 1 - Curtas

Curtas-metragens em 16 mm realizados entre 2012 e 2022 que dialogam com a questão da duração de diferentes formas. Seja através da dilatação do tempo do plano, como em *Começo a ver a luz*, *No quarto de Anna*, *Chegada na estação Oriente* e *Paris borbulhante*; na compressão do tempo do plano, como na animação *Kinograph*; no tempo do movimento definido pelo espaço enquadrado, como em *Exu* e *Ogum* e *Stellar*; ou ainda na contemplação serena de *Todos os rios se chamam Nilo* e na tensão iminente de *Passeio noturno*. Todos os filmes foram rodados em 16 mm, e a maioria deles será projetado em cópias feitas à mão pela dupla de artistas.



Kinograph

Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Alemanha | 2020, 2', 16 mm (Acervo dos artistas)



Filme de pedra

Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Brasil, Alemanha | 2012, 10', 16 mm (Acervo dos artistas)



Todos os rios se chamam Nilo* *Tous les fleuves s'appellent le Nil

Gustavo de Mattos Jahn | França | 2021, 8', 16 mm (Acervo do artista)



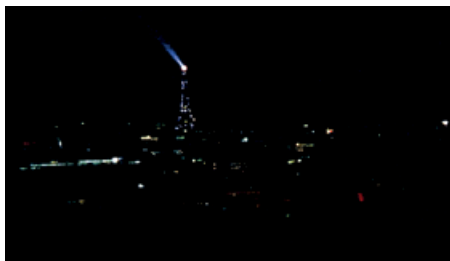
Começo a ver a luz* *I'm Beginning to See the Light

Melissa Dullius | Alemanha | 2022, 12', 16 mm (Acervo da artista)



Chegada na estação Oriente

Gustavo de Mattos Jahn | Portugal, Alemanha |
2019, 3', 16 mm (Acervo do artista)



Paris borbulhante

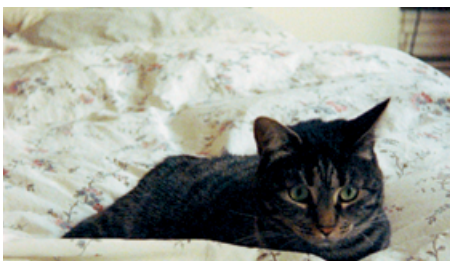
Paris pétillant

Gustavo de Mattos Jahn | França, Alemanha |
2022, 3', 16 mm (Acervo do artista)



Passeio noturno

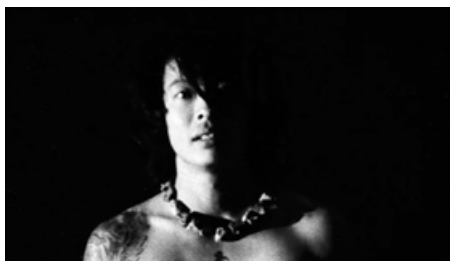
Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Brasil, Alemanha |
2015, 6', 16 mm (Acervo dos artistas)



No quarto de Anna

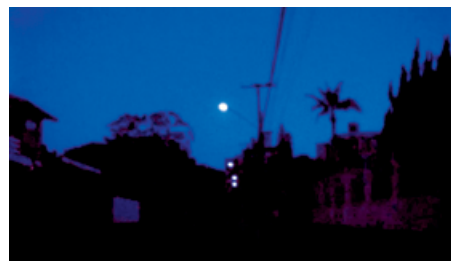
Dans la chambre d'Anna

Gustavo de Mattos Jahn | França, Alemanha |
2021, 6', 16 mm (Acervo do artista)



Stellar

Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Alemanha | 2012,
3', 16 mm (Acervo dos artistas)



Exu e Ogum

Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Brasil, Alemanha |
2020, 2', 16 mm (Acervo dos artistas)

Programa 2 - Oráculo



Oráculo

Melissa Dullius e Gustavo Jahn | Brasil, Alemanha, França, Espanha | 2020, 61', DCP (Acervo dos artistas)

Oráculo foi filmado em Florianópolis e Barcelona, entre 2015 e 2019. O método consistiu em filmar um rolo inteiro de película 16 mm (cerca de 11 minutos), sem cortes, por cena. O processo de edição ocorreu durante os períodos de confinamento de 2020 na França. Situada na interseção entre experiência, método e dispositivo, *Oráculo* convida o espectador a um estado de contemplação, a reajustar-se e sincronizar-se com o seu ritmo.

Um filme dividido em seis cenas. Duas cenas mitológicas mostram a morte e o renascimento de um homem. Uma cena mostra um homem caminhando sob uma ponte, revisitando um dia que o marcou. Uma cena abstrata, com linhas curvas e formas de montanhas azuis. Uma cena musical: uma menina canta e grava ela mesma em seu quarto. Uma cena do outro lado do oceano, onde a garota se torna uma mulher. Entre tudo, o oceano. Um filme com sete cortes. Todo colorido.

Sessão Cinética



Parque Tonsler

Tonsler Park

Kevin Jerome Everson | EUA | 2017, 80', Arquivo digital (Picture Palace Pictures)

Filmado em 16 mm, *Parque Tonsler* se passa durante o dia das eleições de 2016 nos Estados Unidos, 8 de novembro, em Charlottesville, Virgínia.

Em depoimento de 2011, veiculado junto ao material de imprensa do filme, o artista Kevin Jerome Everson comenta: "Com uma noção de lugar e de pesquisa histórica, os meus filmes combinam elementos documentais e roteirizados com ricos elementos de formalismo. O tema são os gestos ou tarefas causadas por certas condições na vida da classe trabalhadora afro-americana e outras pessoas de ascendência africana. As condições são normalmente físicas, circunstâncias socioeconômicas ou climáticas. Em vez do realismo padrão, sou a favor de uma estratégia que abstraia ações e afirmações cotidianas em gestos dramáticos, em que o material de arquivo é reeditado ou reencenado. Pessoas reais performam roteiros ficcionais baseados nas suas próprias

vidas, e observações históricas se entrelaçam com narrativas contemporâneas."

Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários

Depois de uma experiência híbrida entre o *online* e o presencial, o É Tudo Verdade volta aos cinemas em sua 28ª edição e traz para as telas toda a força dos documentários. O Cinema do IMS recebe a Competição Internacional de Longas ou Médias-Metragens e quatro títulos das mostras especiais desta edição. O festival é um dos raros eventos do mundo, e o único da América Latina, que tornam seus quatro filmes vitoriosos elegíveis para consideração nas categorias Documentário de Longa e de Curta-Metragem do Oscar. A mostra aqui apresentada faz parte dessa classificação.

A programação completa do festival será disponibilizada no endereço: etudoverdade.com.br/.

Demarcação das telas e revolução das imagens: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil

Uma seleção de 30 filmes dirigidos ou codirigidos por cineastas indígenas de todas as regiões do país. A mostra reforça a importância política, social, econômica e estética do cinema para os povos indígenas, apresentando uma extensa variedade de linguagens, divididas em seis eixos temáticos: Imagens-espírito; Cinema indígena e resistência política; Cinema indígena e meio ambiente; Cinema indígena e animações; Cinema indígena e linguagens artísticas; e Clássicos.

Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

Cinema indígena e meio ambiente



Kaapora – O chamado das matas

Olinda Muniz Wanderley | Brasil | 2020, 20', DCP

Uma narrativa da ligação dos povos indígenas com a Terra e sua espiritualidade, do ponto de vista da indígena Olinda, que desenvolve projeto de recuperação ambiental nas terras de seu povo. Tendo a cosmovisão indígena como lente, a Kaapora e outros personagens espirituais são a linha central da narrativa e do argumento do filme.



Yarang Mamin

Kamatxi Ikpeng | Brasil | 2019, 21', DCP

Yarang Mamin é um mergulho no dia a dia das mulheres do povo Ikpeng que coletam sementes nativas no Território Indígena do Xingu (MT). As coletoras criaram o Movimento das Mulheres Yarang, que faz parte da Rede de Sementes do Xingu. Ao longo de uma década, as Yarang coletaram 3,2 toneladas de sementes florestais, o que possibilitou o plantio de cerca de 1 milhão de árvores nas bacias dos rios Xingu e Araguaia. Um respiro em meio à devastação que corrói o que resta da floresta.

Sonho de fogo

Alberto Alvares | Brasil | 2020, 7', DCP

Este curta-metragem retrata a interpretação de um sonho de fogo – um presságio de doença, segundo as tradições do povo Guarani-Nhandewa. Filmado antes da pandemia de covid-19, o filme é uma premonição dos sábios da floresta. Na aldeia, os anciãos que interpretam os sonhos enfatizam a importância de preservar as árvores que respiram fumaça e nos protegem da terrível doença que está por vir. A narrativa invoca uma reflexão coletiva sobre a forma como lidamos com o meio ambiente.



Amne adji papere mba – Carta Kisêdjê para o Rio+20

Kamikia Kisêdjê | Brasil | 2012, 11', DCP

Manifesto das mulheres Kisêdjê contra o desmatamento das florestas e a poluição dos rios. Kamikia Kisêdjê e o Coletivo Kisêdjê de Cinema resolveram produzir uma mensagem do seu povo para a Rio+20. As mulheres tomaram a frente dos depoimentos, expressando com contundência sua apreensão com relação à devastação da Amazônia e ao futuro dos seus netos.

Cinema indígena e resistência política 1



Os espíritos só entendem nosso idioma

Cileuza Jemjusi, Robert Tamuxi e Valdeilson Jolasi | Brasil | 2019, 5', DCP

Apenas quatro anciãos da população Manoki na Amazônia brasileira ainda falam o idioma indígena, um risco iminente de perderem o meio pelo qual se comunicam com seus espíritos. Apesar desse ser um assunto difícil, os mais jovens decidem narrar em imagens e palavras a sua versão dessa longa história de relações com os não indígenas, falando sobre as suas dores, seus desafios e seus desejos. Apesar de todas as dificuldades do contexto atual, a luta e a esperança ecoam em várias dimensões do curta-metragem, indicando que “a língua Manoki viverá!”.

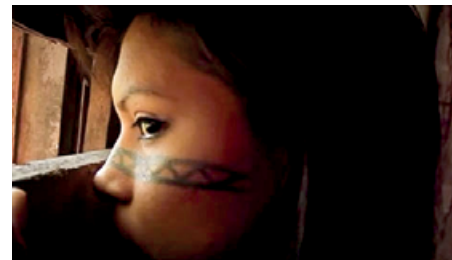


Ava Yvy Vera – A terra do povo do raio

Genito Gomes, Valmir Gonçalves Cabreira, Jhonn Nara Gomes, Jhonatan Gomes, Edina Ximenez, Dulcídio Gomes, Sarah Brites, Joilson Brites | Brasil | 2017, 52', DCP

“Aqui é o coração da terra. Estamos lutando pelo coração da terra, deste território. Não lutamos só por este pedaço, mas por todos os territórios do coração da terra. Esse é o nosso lugar. Nós, Avá somos descendentes do coração da terra.” - Rezador Valdomiro Flores, Tekoha Guaiviry, 2014.

Cinema indígena e resistência política 2



Zahy – Fábula do Maracanã

Zahy Tentehar e Felipe Bragança | Brasil | 2012, 5', arquivo digital

Zahy Tentehar, 23 anos, é uma das líderes indígenas de uma aldeia criada ao lado do Maracanã, no antigo Museu do Índio, no Rio de Janeiro, ameaçado de demolição. Neste vídeo, criado a quatro mãos com Felipe Bragança, Zahy, pajé e contadora de histórias de sua aldeia, lança um novo olhar sobre o local onde vive.



Zawxiperkwer Ka'a – Guardiões da Floresta

Jocy Guajajara e Milson Guajajara | Brasil | 2019, 50', DCP

Nos limites do "complexo verde" formado pelas terras indígenas Caru, Awá, Alto Rio Guamá e Alto Turiaçu dos Guajajara e Awá Guajá, que tiveram seis lideranças assassinadas em um ano, os Guardiões da Floresta lutam para proteger seu território, a última área de floresta contínua no estado do Maranhão. O filme investiga a tensão desses enfrentamentos na reserva do Caru.



ATL – Acampamento Terra Livre

Edgar Kanaykô Xakriabá | Brasil | 2017, 7', DCP

Em abril de 2017, em Brasília, povos de todas as regiões do país e das mais diversas etnias reuniram milhares de lideranças, jovens, mulheres indígenas, fazendo o maior Acampamento Terra Livre da história, para exigir os direitos indígenas que são vilipendiados sistematicamente. Filmado por Edgar Kanaykô Xakriabá.

Clássicos 1



Marangmotxíngmo Mirang: das crianças Ikpeng para o mundo

Kumaré Ikpeng, Karané Ikpeng, Natuyu Yuwipo Txicão | Brasil | 2001, 35', DCP

Quatro crianças Ikpeng apresentam sua aldeia respondendo à vídeo-carta das crianças da Sierra Maestra em Cuba. Com graça e leveza, elas mostram suas famílias, suas brincadeiras, suas festas, seu modo de vida. Conhecemos as personagens que compõem o seu mundo cotidiano - desde os pintinhos ao chefe da aldeia - e vemos as crianças ajudando nas tarefas, aprendendo a caçar, ir para a escola e brincar. Frequentemente se comparando e se contrastando com as gerações anteriores, elas estão cientes de sua herança cultural e de como ela mudou desde a época de seus avós. Curiosas em conhecer crianças de outras culturas, elas pedem para que respondam à sua vídeo-carta. Vencedor de diversos prêmios em importantes festivais na América Latina e dos EUA, trata-se de um filme paradigmático para a produção indígena brasileira.

Clássicos 2



Shomõtsi

Wewito Piyãko | Brasil | 2001, 42', DCP

Shomõtsi é um Ashaninka espirituoso e cativante, um pai que criou seus filhos sozinho. Vizinho e amigo do cineasta, ele discute os usos Ashaninka da tintura de urucum, da mandioca e da coca. Ao contrário dos brancos, diz ele, os Ashaninks respeitam o poder medicinal da coca. Shomõtsi e dois outros idosos vão a uma cidade vizinha para receber suas pensões. Eles têm que montar acampamento durante a noite esperando seu dinheiro e reclamando do materialismo dos lojistas brasileiros. Depois de fazer algumas compras modestas, Shomõtsi volta alegremente para a aldeia. Um dos filmes que marca a virada do século, foi premiado em importantes festivais na América Latina e no Canadá.



Wapté Mnhõnõ – A iniciação do jovem Xavante

Divino Tserewahú | Brasil | 1999, 56', DCP

O Wapté Mnhõnõ é o ritual de iniciação do rapaz Xavante. Um evento importante na vida social Xavante, que mobiliza toda a comunidade e uma série de atividades para os jovens, como correr com toras e bater água no rio. A convite de Divino Tserewahú, da aldeia Xavante Sangradouro, quatro Xavantes e um Suyá realizam pela primeira vez o registro do ritual, enquanto diversos membros da aldeia elucidam o significado dos segmentos desse complexo cerimonial. O filme foi exibido em diversos festivais pelo mundo, e premiado na Itália, na Bolívia e no Brasil. Divino Tserewahú é um dos primeiros indígenas a se consolidar como cineasta, e seus filmes são responsáveis por demarcar um primeiro momento do cinema indígena no Brasil.

Clássicos 3



Bicicletas de Nhanderú

Ariel Duarte Ortega e Patricia Ferreira (Keretxu)
Brasil | 2011, 48', DCP

Uma imersão na espiritualidade presente no cotidiano dos Mbya-Guarani da aldeia Koenju, em São Miguel das Missões (RS).

O filme mostra como a influência do "homem branco" ameaça a religiosidade desse povo, que tem se deixado levar por hábitos como o consumo de álcool, festas e jogos que, segundo a crença da aldeia, fazem mal ao espírito. Apresentando uma linguagem que questiona valores éticos e estéticos no interior da comunidade, e também fora dela, o filme encerra um ciclo ao mesmo tempo que abre as portas para um novo período para cineastas indígenas no Brasil.

Imagens-espírito 1



Ma É Dami Xina: já me transformei em imagem

Zezinho Yube | Brasil | 2008, 31', DCP

Comentários sobre a história de um povo, feito pelos realizadores dos filmes e por seus personagens. O diálogo crítico com imagens de arquivo (fotográficas e cinematográficas) realizadas por não indígenas transformou o filme em um relato contundente do ressurgimento cultural dessa comunidade visto pelos olhos de sua memória coletiva. Do tempo do contato, passando pelo cativoiro nos seringais, até o trabalho atual com o vídeo, os depoimentos dão sentido ao processo de dispersão, perda e reencontro vividos pelos Huni Kui.



Ooni

Lily Baniwa e Naiara Alice Bertoli | Brasil | 2021, 7', DCP

"Ooni", na língua Baniwa, quer dizer "água". Água preta do rio Negro, água branca para matar a sede depois de um dia de trabalho na roça. Água de igarapé para se banhar, água para o pajé benzer e curar da doença, água que as mulheres carregam sobre suas cabeças. Água parada do lago que assoreou, água suja da cidade que vai cerceando as comunidades. Mulheres Baniwa da comunidade de Itacoatiara-Mirim, cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), trazem no seu corpo-água histórias e danças que compõem suas formas de resistência.



O que me leva não é mercadoria de bolso

Barbara Leite Matias | Brasil | 2022, 6', DCP

Este vídeo forma parte de um conjunto de materiais criados pela artista para a série *Co-sentindo com ternura radical: ações rituais de arte-vida para resintonização metabólica*. "Eu sou semente abrindo olho e nascendo. Furando o tecido e lambendo a carne, se hidratando entre líquidos vermelhos das veias que estão na terra e em mim. URUCUM."

Imagens-espírito 2

Cinema indígena e linguagens artísticas



Teko Haxy - Ser imperfeita

Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro | Brasil | 2018, 39', DCP

Um encontro íntimo entre duas mulheres que se filma. O documentário experimental é a relação de duas artistas, uma cineasta indígena e uma artista visual e antropóloga não indígena. Diante da consciência da imperfeição do ser, entram em conflitos e se criam material e espiritualmente. Nesse processo, se descobrem iguais e diferentes na justeza de suas imagens.



Yãmïyhex: as mulheres-espírito

Sueli Maxakali e Isael Maxakali | Brasil | 2019, 76', DCP

Após passarem alguns meses na Aldeia Verde, as *yãmïyhex* (mulheres-espírito) se preparam para partir. Sueli e Isael Maxakali registram os preparativos e a grande festa para sua despedida. Durante os dias de festa, uma multidão de espíritos atravessa a aldeia. As *yãmïyhex* vão embora, mas sempre voltam com saudades dos seus pais e das suas mães.



Jayankiri

Natali Mamani | Brasil | 2021, 10', DCP

Jayankiri, em Aymara, "pessoa que mora longe". Entre danças, performances e um ser espiritual, que simboliza Jayankiri, este filme-ensaio fala sobre a nostalgia gerada pelos deslocamentos de território de pessoas andinas, perdidas entre as possibilidades do "e se" e as memórias de vidas interrompidas pela colonização, que impactam no presente por meio da imigração.

"quantos fins do mundo ainda teremos que aguentar?"

"quantos forem necessários"



O verbo se fez carne

Ziel Karapotó | Brasil | 2019, 6', DCP

Um filme-performance sobre o corpo como ferramenta de luta e de denúncia da invasão europeia e da colonização.



Tamuia

Denilson Baniwa | Brasil | 2021, 11', DCP

Guanabara, data desconhecida. Kunhambebe e seu grupo preparam-se para encontrar o Conselho Tamoio. A reunião irá definir os próximos passos na guerra contra os invasores. Sem que Kunhambebe soubesse, um de seus companheiros havia entregado os planos Tamoio aos inimigos. A caminho do local de encontro, seu comboio foi atacado. Ele consegue escapar. Ferido e sem armas, procura abrigo numa casa abandonada. Lá, ele deixa uma mensagem para seu filho, Kunhambebe Mirim.



Lithipokoroda

Lilly Baniwa | Brasil | 2020, 28', DCP

Lithipokoroda é uma performance manifesto produzida por artistas indígenas da cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM). Uma mulher ancestral adormece, anda pela floresta e atravessa a cidade em direção à Maloca, a casa do conhecimento dos povos indígenas. A floresta está destruída pelas mãos dos brancos. Mas, para os povos indígenas, os conhecimentos ancestrais estão vivos em seus corpos. Vemos jovens indígenas do século XXI, da cidade mais indígena do Brasil, que têm a floresta como sua casa e utilizam a tecnologia como ferramenta de denúncia. Um basta para as invasões genocidas, para as violências perpetuadas por séculos pelos missionários, padres e pastores. Por tanto sangue derramado, por tantas proibições, preconceitos e perseguições das culturas originárias!



Yã tu nũnãhã payexop: encontro de pajés

Sueli Maxakali | Brasil | 2021, 28', DCP

Em julho de 2020, em plena pandemia de covid-19, cerca de 100 famílias Tikmũ'ũn-Maxakali deixaram a reserva de Aldeia Verde (Ladainha, MG) em busca de uma nova terra. A tensão causada pelo isolamento tornou mais urgente a necessidade de uma terra rica em matas e, sobretudo, água, na qual fosse possível fortalecer as relações com os povos-espíritos Yãmĩxop através de cantos, rituais, festas e brincadeiras.



Karaiw a'e wà

Zahy Tentehar | Brasil | 2022, 15', DCP

Em *Karaiw a'e wà* (2022), videoinstalação desenvolvida para a mostra *Nakoada: estratégias para a arte moderna*, Zahy Tentehar resgata a palavra "*karaiw*", que significa "civilizado", para questionar a construção do indígena "selvagem" e "bárbaro", imagem enraizada pela colonialidade. Na obra, a invenção da civilidade é colocada à prova juntamente com os ideais de progresso, intelectualidade e modernização.



Kanau'kyba

Gustavo Caboco e Pedra do Bendegó | Brasil | 2021, 11', DCP

"*Kanau'kyba*" significa "caminhos das pedras" na língua Wapichana.

Atravessamos diferentes paisagens que conectam as pedras do céu às pedras da terra ancestral. Das caminhadas nas pedras terrenas na Serra da Lua, em Roraima, na Terra Indígena Canaunim, nos conectamos às pedras no Paraná, na cidade de Kuritiba. Campo em chamas. Das cinzas no Museu Nacional do Rio de Janeiro e a pedra do meteorito Bendegó ao recado da borduna: não apagarão a nossa memória.



A festa dos encantados

Masanori Ohashy | Brasil | 2016, 14', DCP

A *festa dos encantados* é uma animação baseada no mito do povo Guajajara que conta a origem de seus rituais. Narra a saga de um Guajajara procurando seu irmão perdido. Encontrado em um mundo subterrâneo habitado por seres encantados, permanece aprendendo todos os rituais e cânticos. Com saudade da família, volta para o seu povo e passa a contar a sua história e ensinar para todos os parentes tudo o que havia aprendido com aqueles seres. Antes disso, de acordo com o mito, os Guajajara não realizavam seus rituais.



Konãgxeka: o dilúvio Maxakali

Isael Maxakali e Charles Bicalho | Brasil | 2016, 13', DCP

"*Konãgxeka*", na língua Maxakali, quer dizer "água grande". Trata-se da versão Maxakali da história do dilúvio. Como um castigo, por causa do egoísmo e da ganância dos homens, os espíritos Yãmîy enviam a "grande água". Isael representa o povo indígena Maxakali, de Minas Gerais e o filme é falado em Maxakali, com legendas. As ilustrações para o filme foram feitas por indígenas Maxakali, durante oficina realizada na Aldeia Verde, no município de Ladainha (MG).



Mătănãg, a encantada

Shawara Maxakali e Charles Bicalho | Brasil | 2019, 14', DCP

A índia Mătănãg segue o espírito de seu marido, morto picado por uma cobra, até a aldeia dos mortos. Juntos, eles superam os obstáculos que separam o mundo terreno do mundo espiritual. Uma vez na terra dos espíritos, as coisas são diferentes: outros modos regem o sobrenatural. Mas Mătănãg não está morta, e sua alma deve retornar ao convívio dos vivos. De volta à sua aldeia, reunida a seus parentes, novas vicissitudes durante um ritual proporcionarão a oportunidade para que, mais uma vez, vivos e mortos se reencontrem. Falado em língua Maxakali e legendado, *Mătănãg* se baseia em uma história tradicional do povo Maxakali. As ilustrações para o filme foram realizadas em oficina na Aldeia Verde, no município de Ladainha (MG).



Ga vi: a voz do barro

Ana Letícia Meira Schweig, Angélica Domingos, Cleber Kronun de Almeida, Eduardo Santos Schaan, Geórgia de Macedo Garcia, Gilda Wankly Kuita, Iracema Gãh Té Nascimento, Kassiane Schwingel, Marcus A. S. Wittmann, Nyg Kuita, Vini Albernaz | Brasil | 2021, 11', DCP

Animação criada através das memórias narradas por Gilda Wankly Kuita e Iracema Gãh Té Nascimento, com imagens e sons captados na Terra Indígena Kaingang Apucarantina (PR), durante o encontro de mulheres *Ga vi: a voz do barro, conversando com a terra* (2021).



Amazônia sem garimpo

Julia Bernstein e Tiago Carvalho | Brasil | 2022, 7', DCP

Uma animação sobre os perigos trazidos pela atividade garimpeira para o ambiente e a saúde dos seres humanos.

**Instituto Moreira Salles
Cinema**

Curadoria

Kleber Mendonça Filho

Programadora

Marcia Vaz

Programador adjunto

Thiago Gallego

Produtora de programação

Quesia do Carmo

Assistente de programação

Lucas Gonçalves de Souza

Projeção

Ana Clara Costa

Revista de Cinema IMS

Produção de textos e edição

Thiago Gallego e Marcia Vaz

Diagramação

Marcela Souza e Taiane Brito

Revisão

Flávio Cintra do Amaral

Os filmes de abril

O programa do mês tem o apoio do É Tudo Verdade - 28º Festival Internacional de Documentários, da revista *Cinética*, do coletivo Distruktur, da Picture Palace Pictures, das distribuidoras Descoloniza Filmes, Embaúba, Vitrine Filmes e do projeto Sessão Vitrine. Agradecemos a Melissa Dullius, Gustavo Jahn, Takumã Kuikuro, Graci Guarani, Christian Fischgold, Aline de Moraes, Anna Paula Cavalcante e Gregório Moraes.

É Tudo Verdade



Mostra *Demarcação das telas e revolução das imagens*

Realização: Instituto Moreira Salles
Direção artística e curadoria: Graci Guarani, Takumã Kuikuro e Christian Fischgold
Produção executiva: Aline de Moraes (Iracema Oyá Cultural)
Assistentes de produção: Anna Paula Cavalcante e Gregório Moraes

Venda de ingressos

Ingressos à venda pelo *site* ingresso.com e na bilheteria do centro cultural, a partir das 12h, para sessões do mesmo dia. No ingresso.com, a venda é mensal, e os ingressos são liberados no primeiro dia do mês. Ingressos e senhas sujeitos à lotação da sala. Capacidade da sala: 145 lugares.

Meia-entrada

Com apresentação de documentos comprobatórios para professores da rede pública, estudantes, crianças de 3 a 12 anos, pessoas com deficiência, portadores de Identidade Jovem, maiores de 60 anos e titulares do cartão Itaú (crédito ou débito).

Devolução de ingressos

Em casos de cancelamento de sessões por problemas técnicos e por falta de energia elétrica, os ingressos serão devolvidos. A devolução de entradas adquiridas pelo ingresso.com será feita pelo *site*. Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas no *site* ims.com.br e no Instagram @imoreirasalles. Não é permitido o acesso com mochilas ou bolsas grandes, guarda-chuvas, bebidas ou alimentos. Use nosso guarda-volumes gratuito. Confira as classificações indicativas no *site* do IMS.

No quarto de Anna (*Dans la chambre d'Anna*)
de Gustavo de Mattos Jahn
(França, Alemanha | 2021, 6', 16 mm)



**Terça a quinta,
domingos e feriados**
sessões de cinema
até as **20h**;

sextas e sábados,
até as **22h**.

**Visitação, Biblioteca,
Balaio IMS Café e
Livraria da Travessa**


Terça a domingo,
inclusive feriados
das 10h às 20h.
Fechado às segundas.
Última admissão: 30 minutos
antes do encerramento.



IMS

Avenida Paulista 2424
CEP 01310-300
Bela Vista – São Paulo
tel: (11) 2842-9120
ims@paulista.ims.com.br

 /institutomoreirasalles

 @imoreirasalles

 @imoreirasalles

 /imoreirasalles

 /institutomoreirasalles



Parque Tonsler (Tonsler Park)
de Kevin Jerome Everson (EUA | 2017, 80)